

Sonho de império e império de sonho

Eduardo Lourenço

«N'importe où hors du monde.»

Charles BAUDELAIRE, *Spleen de Paris*

«Verdadeiramente, ele é o único poeta dos seus poetas,
o único cúmplice da sua poesia.»

Luís DE MONTALVOR, *presença*, 1936

Tornou-se quase inevitável comparar o *Poema* que há quatro séculos Camões consagrou à aventura marítima e imperial portuguesa àquele que Fernando Pessoa imaginou para encarnar nele o sonho de um enigmático Quinto Império. A tentação de aproximar *Mensagem* de *Os Lusíadas* é tanto mais irresistível quanto é sabido que Pessoa nunca escondeu o seu desejo de suplantar Camões e o seu *Poema* —um e outro símbolos e expressão da imagem sacralizada de Portugal e do seu papel medianeiro na história do mundo— por uma outra visão do nosso destino, ao mesmo tempo mais profunda e mais universal.

Decerto, a epopeia nacional, enquanto espelho sublimado da nossa aventura numa dada época, não perdia por isso o seu estatuto mítico. As oitavas camonianas continuariam a celebrar, no espaço sem morte do *Poema* incomparável, os nossos feitos marítimos e guerreiros de romanos do século XVI, tais como Camões os tinha vivido e posto em cena. Contudo, já no tempo da sua escrita *Os Lusíadas* relevavam mais da memória que do eco transfigurado do presente. Com o tempo, a epopeia tornou-se memorial e o Portugal nela evocado um presente e impedia que déssemos ao futuro as cores de um sonho que não fosse apenas o de um povo no tempo, mas o do tempo de um povo assimilado à

Humanidade inteira. Esta conversão de uma mitologia, filha da História e nela sepultada, em visão transcendente de um Império puramente espiritual, de que os avatares do destino português teriam sido apenas o anúncio e a versão empírica e temporal, encontrou a sua expressão acabada, precisamente, em Mensagem.

Único livro de poemas em português publicado em vida, um ano antes da sua morte, como se fora um testamento, Mensagem atraiu sobre Fernando Pessoa os primeiros aplausos ambíguos, cujo eco não se extinguiu ainda. Aplausos muito diversos dos que já então, mas sobretudo mais tarde, não serão regateados a restante obra do Poeta e, em particular, àquela que ele mesmo colocou sob o signo da Heteronímia. Tomada de imediato como uma espécie de Bíblia do nacionalismo poético, apesar do seu misticismo obscuro, Mensagem tornar-se-á, rapidamente um livro quase «popular». O tempo português de então, a Hora, como, em termos misteriosos, o próprio Poeta o evocava, prestava-se à celebração da «alma nacional», e foi nessa conjuntura unanímista que, num primeiro momento Mensagem pareceu fundir-se. O livro do Enigma, relevando mais da filosofia ou da teologia da História que da peripécia e da incantação patrióticas, entrará sem pena no paraíso das selectas escolares. Honroso destino, se isso não significasse deixar à porta a sua «mensagem» indecifrada e, porventura, indecifrável.

Em sentido oposto e, em parte, devido a essa confiscação «patriótica» do Poema, muitos dos que admiravam Pessoa como o mago que alterara a nossa paisagem lírica, ao mesmo tempo que a nossa visão do mundo, prestaram pouca atenção a um livro, na aparência alheio ao espírito donde procediam poemas tão obviamente inovadores e perturbantes como a «Ode Marítima» ou «Tabacaria». Livro de um outro futuro, Mensagem teria que esperar uma leitura mais adequada ao seu mistério e a sua intrínseca estranheza –tanto no fundo como na forma– de um outro tempo mais propício e aberto porque igualmente mais complexo e estranho. Esses admiradores não ignoravam que o insólito autor de Mensagem era «vários poetas», uma «nação», como ele mesmo se definia. Mas era-lhes difícil aceitar que entre os vários poetas que Pessoa era houvesse algum pronto a assumir a máscara inquietante do nacionalismo, mesmo sob a espécie «mística» que o poeta mencionara para que ninguém confundisse a sua visão com a vulgar apologia do «nacional». Nessa época, não era fácil compreender que se Mensagem parecia destoar no meio da obra conhecida de Fernando Pessoa, ela se situava, exactamente, no centro (indefinidamente des-centrado), do que, com felicidade, foi designado como a sua galáxia poética.

Meio século após a sua publicação, Mensagem, que se tornou o poema-epónimo de Pessoa, conserva ainda o seu estatuto singular no conjunto ontologicamente dilacerado da sua obra. O que mudou foi o estatuto da sua «estranheza». Hoje ela faz parte da estranheza, por assim dizer, conatural, à poesia de

Pessoa, intrinsecamente dilacerada entre o sentimento da total Irrealidade da existência e o sentimento –quase a sensação– da realidade de uma Existência-outra que só o símbolo e o mito podem configurar. Ou talvez melhor, de que só o símbolo e o mito são a configuração.

Acontece, todavia, que Mensagem parece situar-se ao lado e, sobretudo, fora desse horizonte de Ausência como falta radical de ser, essência da poética da solitude tão característica de Pessoa, tanto como do horizonte ou da visão de ordem «transcendente», que impregna a sua poesia de inspiração gnóstica ou ocultista. Na realidade, o poema Mensagem não só associa as duas poéticas, a da Ausência e da Ultra-Presença, como as leva ao seu limite até as interverter. Daí o carácter não só perturbante mas paradoxal de tão estranha «epopeia», se o poema merece esse nome.

Na sua aparência, Mensagem celebra, relendo-os na luz espectral do sonho que cada um encarnou, os heróis-mitos da nossa História que ao longo do tempo prefiguraram o único Herói futuro, restaurador do nosso império perdido nos areais da África, Alcácer-Quibir. Mas o que nós escutamos no Poema como apologia e promessa de um futuro reino só suscita esse fervor pela força que através dessa apologia a evidência da realidade e da história são recusadas. A «mensagem» dirige-se ao Dia, mas é da Noite que ela recebe a música desencantada que a acompanha. Em Fernando Pessoa tudo acontece duas vezes, uma a direita e outra às avessas. Mensagem repete, mas desta vez sem ironia, o duplo jogo sem saída da consciencia oscilando sem fim entre a realidade e o sonho. Mas, em Mensagem, esse movimento pende –podemos dizer, imobiliza-se– inteiramente para o lado do Sonho. Só os sonhadores, os loucos, os mártires da realidade, cujo paradigma é D. Sebastião, figura central do Poema e símbolo do Quinto Império, merecem louvor, pois só eles sabem que la vraie vie est ailleurs. Algures, mas no algures desta vida, transcendendo-a de dentro por essa forma de heroísmo «oposto ao mundo» a que Pessoa se referiu. Como D. Sebastião, eles não ficaram soterrados sob as areias da realidade, mas ocultos, adormecidos, à espera de regressar ao que eram e jamais deixaram de ser. Como os iniciados –e Mensagem é, antes de tudo, poema iniciático– os anunciadores, os neófitos do Quinto Império não têm morte:

*Louco, sim, louco, porque quíz grandeza
Qual a sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
ficou meu ser que houve, não o que há.*

Em nome do sonho, e de um reino do espírito, ao abrigo do furor e do barulho da História, mas sobretudo da intolerância que rouba à alma o Deus que só

ela pode conceber, Pessoa reveste-se dos poderes do Mago, do Profeta e do Messias que sob outras máscaras o apavoravam. Nesse sonho visionário jogava-se algo de mais decisivo que o seu mero destino de poeta: o sentido mítico e místico da sua vida figurado e confundido com o destino de um povo «crístico» que como o Salvador não deveu a sua eleição senão ao sofrimento e a humilhação com que Deus enigmaticamente, o distinguiu:

*Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!*

.....
*Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Christo definiu:
Assim o opoz à Natureza
e Filho o ungiu.*

No Livro do Desassossego, Pessoa pintou-se, naquele tom de ironia secretamente melancólica que lhe é próprio, como sonhador e nada mais. Queria para si o exclusivo do sofrimento ou do êxtase puro de sonhar e de se sonhar. Nenhum dos seus sonhos se lhe impôs com mais premência do que aquele de que Mensagem é, ao mesmo tempo, a via e o Graal. Esse sonho é menos o de uma pátria mítica, fora do tempo e do espaço, de um Império do espírito e da alma, requeridos pela transcensão dos impérios da realidade e da História (Grécia, Roma, Cristandade, Europa) que o sonho de si mesmo como uma pátria, uma morada terrestremente celeste ou celestemente terrestre. Aí se transfiguraria a ferida, a angústia, a perdição sem nome que nós chamamos a vida, a vida real, e que ele resentiu com acuidade demente. Como O Marinheiro, seu duplo, Pessoa desejou construir, pelo simples poder do sonho, uma pátria desde sempre perdida. Em parte alguma a construiu, pois a sua poesia é por essência a não morada ou a morada aberta a todos os ventos da inquietude ou da ilusão de si mesma consciente. Mesmo a casa na colina, a mansão do pastor da realidade, Alberto Caeiro, é apenas o sonho dessa morada sonhada. Só com Mensagem, porque subtraída à esfera da realidade, inscrita no círculo do Mito e como ele naturalmente intemporal, Fernando Pessoa construiu –ou reconstruiu– a sua morada perfeita como horizonte de todas as aspirações de poeta do labirinto da vida e de português sem mais pátria do que aquela que no poema rememora a antiga glória e espera do futuro a sua ressurreição. E, como era de esperar, ele mesmo se instalou no coração desse Império fora de alcance, quinto na sucessão misteriosa dos impérios e o único no seu sonho de deus de si mesmo.

Mais uma vez, como se fosse um imperativo do nosso imaginário de povo lírico, o poeta se confunde, mesmo sob o manto da epopeia, com o objecto do seu canto. Já Camões implicara e confundira o destino heróico e trágico da sua pátria, no auge da sua glória, com o seu próprio destino. Pessoa, arquitecto do Templo mítico que devia substituir a ausência dessa pátria gloriosa, escondeu-se e expô-se na trama do poema sob a figura de D. Fernando, príncipe e mártir do nosso sonho abortado. O poema que lhe é consagrado, em Mensagem, foi o primeiro anúncio e, na verdade, a «pedra», em torno da qual será erguido o «Templo» da nova Revelação. Acontece, porém, que esse texto fundador se chamava, na sua versão inicial, «Gladio» e que o seu destinatário ou referente ideal não era o príncipe que os Portugueses chamam o Infante Santo, exemplo de fidelidade a sua pátria e arauto da Fé Católica, mas o próprio Poeta, investido no seu papel messiânico, e escolhido por Deus para conduzir a sua «santa guerra». A guerra de Deus contra o desmentido da realidade, o triunfo do sonho sobre a morte dos sonhos. O Quinto Império não tem outra substância que a desse desafio, essa loucura assumida de atravessar incólume a linha imaginária que separa a vida que morre da vida sem fim. Envolto nessa loucura morreu D. Sebastião. Para simplesmente viver dela se revestiu, com luminosa cegueira, o Sebastião de si mesmo que nós chamamos Fernando Pessoa:

*Deu-me Deus o seu gladio, porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
As horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.*

.....
*E eu vou, e a luz do gladio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.*